

Biochip: formigas e abelhas

Os humanos estão completamente atrasados no que diz respeito à Era da Rede. Quem começou a desenvolver sofisticadamente esta Internet, esta Rede, foram primeiro as árvores com os fungos, depois os vírus e depois os insetos. A Internet e a Tecnologia das formigas e das abelhas é excelente. Nem sequer precisam de andar a instalar antenas nos sagrados mantos da Terra, nem sequer precisam de andar a desgravatar sempre a Terra com cabos e cabos por todo o lado. A Internet dos Sagrados Insetos Sociais Inteligentes é invisível e funciona à distância. Nasceram com biochips. Instalam chips uns aos outros. Quem instala é a Rainha e os soldados da Rainha. O biochip é químico. Não é ficção científica. É pura física, pura química, pura tecnologia, tecnologia de ponta. Mas a tecnologia também cansa o corpo. Supertecnologia significa menos vida. Estou só a ser metafórico. Não sou biólogo, nem médico. Não sou cientista de verdade. Sou só um cientista literário a fazer uma experiência comigo próprio. Estou só a experimentar as minhas palavras. Estou só a ver as minhas palavras a saírem em tempo real. Estou só a assistir ao filme com os meus bilhões de neurónios-espetadores. Escrevo por prazer para entreter a minha Sociedade Neuronal. A minha Sociedade de Informação Tecnológica são os meus neurónios e todos os neurónios que inteligentemente se ligam à minha Sociedade Neuronal. Acredito que a escrita é uma tecnologia capaz de ligar neurónios, cérebros, cabeças, pensamentos capazes de sofisticar e evoluir a Terra. Estou só a ligar a minha Internet, com o meu Poder de Intuição. Escrevo sempre offline, com os olhos vendados, como uma cabra-cega. Os insetos supertecnológicos não vivem tanto tempo como os humanos, apesar de serem socialmente mais bem-sucedidos, muito mais sofisticados do que nós. A Internet deles é uma mais-valia para nós. São eles que são as nossas verdadeiras antenas naturais, as nossas verdadeiras tomadas-Terra, tal como as árvores. Vamos pagar as consequências com o corpo se nos agarrarmos demasiado à toa a todas as tecnologias. Vamos viver muito menos tempo, a vida real, a vida sagrada. O tempo é precioso. O mundo tecnológico humano é apenas uma fantasia. Não passa de uma fantasia. É fantástico. Por ser fantástico, não é real. Fantástico quer dizer isso mesmo: fantasmagórico, fantasioso, imaginário, que não existe na realidade.

Estou num corte e costura. Parece que estou numa cirurgia. Escrevo bocados na Terra. Depois corto os bocados que escrevi e colo-os noutro lado. Parece que tenho um Puzzle na mão. Parece que estou a criar em tempo real as peças de um Puzzle. Quando arranco os bocados do meu cérebro e vou colá-los noutro parte do cérebro sinto-me um cirurgião. Parece que tenho um bisturi na minha mão e estou a fazer uma auto-cirurgia. Parece que estou a abrir o meu próprio cérebro. Parece que há médicos à distância a monitorizarem em silêncio a minha cirurgia. Parece que só vão aparecer se virem que vou cometer um erro. Parece que estou sozinho. Mas não estou. 13h49

Os namorados que chegam a casa depois do trabalho e se agarram às tecnologias que os separam ao invés de se meterem sempre num longo beijo, repetindo todos os dias o amor, vão acabar por se separar, nem que seja espiritualmente, carinhosamente, apaixonadamente. O carinho vai deixar de existir, a tusa vai se perder. Mas é só uma opinião. Cada casal funciona como funciona. A vida do casal só diz respeito ao casal. Eu tenho o melhor namorado do

mundo. Tive sorte. Muitos psicólogos ofendem-se com a minha escrita, porque sabem que vivem numa verdadeira mentira. Mas eu quero lá saber. É a vida! Nem todos temos sorte! Sorte não é ter dinheiro. Sorte é ter amor. Sorte é amar. Sorte é ser amado. Não sou psicólogo, sou romântico. Há psicólogos que não me levam a sério. Mas eu também não os levo a sério e por isso ficamos quites. Deitei-me com muitos psicólogos e com muitos mentalistas na minha caminha. Fui eu que sem psicologia nenhuma tive de ouvir as esquizofrenias, as depressões e os ecos deles. Também os vi a fumarem charros nos intervalos da faculdade e apanharem grandes mocas. Uns deixaram-se disso. Outros dão hoje consultas todos mocados. Vivemos numa Sociedade de Informação. As coisas sabem-se. Há memórias. Há uma saturação de memória. Estou saturado. Sou um mercado. Há uma saturação de psicólogos no mercado. Nem todos podemos ser psicólogos. Não gosto de todos os psicólogos. Tenho as minhas referências. Dou-as sempre. Vivemos numa Sociedade de Referências, porque a Sociedade de Informação é também a Sociedade de Referências. Sou um pouco frio. Quando criticamos temos de ser frios. Estou a pegar num maçónico facalhão e vou apontar ao psicólogo que me apontou um faca pseudo-maçónica no meu grupo de melhores amigos. Estava num jantar de um dos meus melhores amigos. Havia uma câmara instalada no teto. Não pude fazer nada. Estava num jantar de anos. O máximo que podia fazer era entrar no Jogo das Cadeiras e escolher as melhores cadeiras para mim e para o D.K. para ficarmos fora do ângulo da câmara e para ganharmos o Jogo das Câmaras.

9 de janeiro de 2022 13h56

Publicado em 14/01/2021 em Jupiter Editions sem revisão, edição e carimbo www.jupitereditions.com